

# VELHICE INSTITUCIONALIZADA: IMAGINÁRIO E REALIDADE

Altair Macedo Lahud Loureiro<sup>1</sup>

As instituições sociais surgem por meio dos esforços dos seres humanos em satisfazerem suas necessidades, mas a partir daí as instituições sociais tornam-se realidades externas – relativamente independentes dos indivíduos – que afetam a estrutura do indivíduo (FENICHEL, 1946).

Resumo. Este texto expõe dados e reflexões decorrentes de investigação que venho realizando em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), do Distrito Federal. A pesquisa que coordeno, na Universidade Católica de Brasília (UCB), programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Gerontologia, está aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília (CEP/UCB) e se desenvolve com a atuação de uma equipe interdisciplinar de professores doutores, auxiliados por graduandos e mestrandos da referida Universidade. Apresento aqui fragmentos advindos da análise durandiana, de histórias de vida, depoimentos, escuta e dos registros míticos contidos em protocolos do Arquétipo Teste de Nove Elementos – AT-9, de Yves Durand, oferecidos pelos moradores da referida ILPI. São dados obtidos na escuta mitológica e arquetipal, na interação com os componentes, habitantes do asilo em pauta, no seu cotidiano asilar; dados

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Universidade Católica de Brasília. Docente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Gerontologia da UCB. Aposentada da Universidade de Brasília, UnB.

reveladores do imaginário subjacente às falas, ações e posturas dos sujeitos da pesquisa. As afirmações aqui postas estão complementadas com resultados registrados em livros de outros estudiosos e pesquisadores, que, como eu, se preocupam em desvendar a realidade desses locais repletos de criaturas idosas, velhos, que, triplamente vitimizados, são relegadas pela família, esquecidas pelo Estado e excluídas da sociedade, tornando-se sombrias, na sua maioria. O texto trata do imaginário característico desse grupo de idosos asilados e dos demais componentes da organização, “escutando” o cotidiano do asilo. A preocupação com o bem-estar do cidadão velho, em qualquer circunstância, o respeito (recíproco) pela velhice e os cuidados com o processo de envelhecimento – em especial com o do velho asilado –, sem perder de vista a necessidade do fortalecimento e aprofundamento da, ainda em construção, multidisciplinar teoria gerontológica, apoiam a intenção de pesquisar, com possível intervenção, a organização e a gestão de ILPIs – ou asilo, considerando a possibilidade de novas formas de atenção político-social mais humanas ao idoso institucionalizado.

Palavras-chave: Velhice institucionalizada. Imaginário. Asilo. Instituição de Longa Permanência.

## INSTITUTIONALIZED OLD AGE: IMAGINARY AND REALITY

Abstract. This work presents informations and reflections resulted from research that I have accomplished in a long-term care institution for the elderly (ILPI), in Brazil Federal District. The research that I coordinate at Universidade Católica de Brasília (UCB), in a Postgraduate program in Gerontology, is approved by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and by the Ethics

Committee of the Universidade Católica de Brasília (CEP / UCB), The research develops activities with an interdisciplinary team of doctors, professors, supported by undergraduates and master students of the university.

I present here fragments resultant of analysis of the Durand's theory, life stories, testimonies, listenings and mythical records on protocols of archetype: Test Nine Elements - AT-9 by Yves Durand, offered by the residents of the reported long-term care institution. These informations are obtained from mythological and archetypal listenings, in the interaction with residents of the rest home at issue, in their daily routine at rest home, revealing informations of the imaginary implied in the speech, actions and attitudes of subjects in the research. The statements here made, are complemented with results recorded in books of other scholars and researchers that like me, they bother about uncover the reality of these places crowded of the elderly people who are: thrice victimized, relegated by their family, forgotten by the state and excluded from society, becoming sad, in majority. This text deals with the imaginary, peculiar to this elderly group that stay in rest home and other components of the organization, "listening" to the rest home daily routine. The care with the elderly well-being, in all circumstances, mutual respect for the aging and care with aging process - especially with the rest home residents, Not losing sight of the necessity for strengthening and deepening of a multidisciplinary perspective in the gerontologic theory, still under construction, they support the intention to research, with a possible intervention in the organization and management of long-term care institution for the elderly or rest homes, considering the possibility of new forms of political and social attention more humane to the institutionalized elder person.

Keywords: Institutionalized Aging. Imaginary. Rest Home. Long-Term Care Institution.

## 1 ANTECEDENTES DA PESQUISA

Em 2004, apresentei, oralmente e por escrito, no XIII Ciclo de Estudos sobre o Imaginário<sup>2</sup>, trabalho que denominei, como Bachelard (1988), *Moléculas de mundo no espaço imaginário de um asilo*. O texto escrito, na sua íntegra, foi publicado no CD dos anais do evento.

Bachelard (1988) registra, em *A poética do espaço*, que é preciso amar o espaço para descrevê-lo tão minuciosamente como se nele houvesse moléculas de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula [...], os detalhes são descobertos e ordenados um a um, pacientemente.

Naquela época, começava a despertar em mim, estudiosa, docente e pesquisadora da Gerontologia, a curiosidade de conhecer melhor o mundo dos idosos institucionalizados, a organização de uma ILPI (como modernamente se convencionou, politicamente, denominar os asilos). Buscou-se dourar a pílula, mas ela continua amarga!

Assumindo o pressuposto durandiano e bachelar-diano de que o imaginário organiza, que tem potência organizativa, comecei a associar as posturas do idoso no seu *habitat* artificial, no espaço que sobrou para ele em um asilo, com a estrutura do seu imaginário, com sua maneira de carregar o mundo, agora na velhice asilada/institucionalizada, como consequ-

---

<sup>2</sup> Ciclo sobre Espaços Imaginários e Transculturalidade, que coordenei no fórum n.1, intitulado "Trans-culturalidade e dimensão simbólica do espaço da terceira idade: velhice, velhos e envelhecimento".

ência de sua postura ante a vida e a morte. Considerei, também, sabendo da presença de fantasmas nas organizações, lembrar que

[...] os códigos afetivos e a percepção dos fatos que envolvem uma instituição devem auxiliar a compreensão dos fantasmas privados que a envolvem (FERRAROTTI, apud PERNIN, 2008, p.122)

e à qual Gilberto Durand (1989, p. 260) se refere como a possibilidade de transformar esta fantasmática em uma fantástica transcendental quando escreve que

[...] esta função de imaginação é motivada não pelas coisas, mas por uma maneira de carregar universalmente as coisas com um sentido segundo, com um sentido que seria a coisa do mundo mais universalmente partilhada.

Conhecer o imaginário daqueles idosos foi a minha intenção, considerando a possibilidade de uma reorganização da Instituição, prestigiando novo paradigma não clássico, mas holonômico, que resultasse no desejo de uma organizacionalidade antropolítica, ou seja, que fosse sempre se fazendo e refazendo conforme a dimensão simbólica sugerisse. Quer dizer, uma reorganização que considerasse esta possibilidade da fantástica transcendental.

## 2 A PESQUISA IATO: PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E NATUREZA

Entre meados de 2006 e início de 2007, tive aprovado, pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pelo Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) /Universidade Católica de Brasília (UCB), o projeto de pesquisa culturanalítico interdisciplinar: *Imaginário de idosos asilados tabagistas e organização de asilos: organizacionalidade antropolítica* (CNPq/UCB, 2007–2009)<sup>3</sup>, conhecido como IATO.

O projeto filia-se ao projeto interinstitucional *Instituições de Longa Permanência no Brasil – ILPIs: tipologia e modelo de atendimento* (CNPq, 2007–2009)<sup>4</sup>, hoje em sua fase final.

Auscultar o imaginário de idosos tabagistas asilados, de um asilo no Distrito Federal (DF), para propor a sua (re)organização considerando a dimensão simbólica e a qualidade de vida dos idosos sujeitos e não sujeitos, foi o objetivo da pesquisa.

Como escreve Feltes (ALCÂNTARA, 2004, p. 8),

[...] não se trata apenas de compreender a política administrativa, a dinâmica funcional e as condições gerais dessas instituições na sua relação com o idoso, mas [...] traçar um quadro mais complexo que permita, inclusive, compreender o porquê de sua existência e manutenção na ordem social.

Parti do pressuposto de que, entre as várias di-

---

<sup>3</sup> Projeto interdisciplinar coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Altair M. Lahud Loureiro, no mestrado em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

<sup>4</sup> Projeto interinstitucional – UFSC/SC, UECE/CE, IPEA/RJ, UCB/DF, FEPECS/DF.

mensões da organização, encontra-se a dimensão simbólica, a ser considerada. Daí a proposta de organizacionalidade, organização dinâmica, como já mencionado, sempre se fazendo, desfazendo-se e refazendo-se com a presença de sujeitos autônomos, neste caso idosos neotênicos, quer dizer, que têm a capacidade de mudança constante, como todo ser humano, em busca sempre da completude, que se sabe não se completará, a não ser na morte; a organizacionalidade antropolítica está centrada no ser humano e se organiza com ele, no caso com o idoso, e não simplesmente se organiza para indivíduos ou grupos sujeitados.

Pretendi – o que venho fazendo em conjunto com a equipe interdisciplinar de professores doutores em Sociologia, Psicologia, Medicina e Educação e de alunos de Pós-graduação (mestrado em Gerontologia) e de Graduação (cursos de Psicologia e Medicina, da UCB, desde 2007) – e observar, “escutar” o asilo, na voz e nas ações de seus dirigentes, funcionários, cuidadores e enfermeiros, voluntários e contratados e dos idosos ali internados, idosos asilados, assim como conhecer o funcionamento, a gestão cotidiana da Instituição, identificando o pertencimento, ou não, do idoso que nela está.

Creio oportuna a investigação do imaginário subjacente a ações, reações, ideias originárias e existência das ILPIs, pois o imaginário revela a maneira de carregar o mundo, o entendimento da vida e da morte que norteiam as posturas diante da realidade. Conforme Gilberto Durand (1989), o imaginário é o conector obrigatório pelo qual se forma qualquer repre-

sentação humana.

O espaço exerce influência nas ações, no imaginário e no estado de humor das pessoas. Conhecer os espaços habitados pelos idosos no asilo e descobrir, com eles, quais os lugares, “refúgios” que mais lhes agradam, que a eles dão mais paz, assim como identificar com eles os possíveis perigos, “monstros”, “fantasmas”, locais que não lhes agradam e porquê, levava-o a descortinar o seu imaginário relacionado com a realidade físico-administrativa do asilo, pondo à mostra suas entranhas, descobrindo o permitido, o proibido e as possíveis transgressões: as ressignificações afetivas dos espaços na ILPI, no asilo.

Desvendar as consteladas imagens representacionais do asilo, pela voz do idoso, e registradas no protocolo do teste, é revelar a “alma da casa” (BACHELARD, 1988, p. 36). Como ensina Gilberto Durand (1989), o que importa não é apenas identificar qual a estrutura ou desestrutura daqueles imaginários, daqueles microuniversos míticos ou do universo mítico geral, mas sim saber como este grupo vive, convive, “desvive” ou sobrevive no espaço ritualizado, institucionalizado.

A identificação das estruturas do imaginário desvelado, com suas características definidas na Antropologia do Imaginário – heroica, mística, disseminatória, bem como a possível ausência de estrutura, a desestrutura do imaginário –, notadamente na obra mestra de G. Durand (1989), *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*, fornecerá o caminho para se conhecer a visão de mundo dos sujeitos, o pensar, o sentir e o agir do(s) grupo(s).

### 3 SOBRE O ASILO OU ILPI OBJETO DA INVESTIGAÇÃO

Por analogia, tratando aqui de asilo, lembro como Goffman (2001, p.11) se refere aos “manicômios, prisões e conventos”, como “instituições totais”, definindo-as como

[...] um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.

O autor registra ainda que

[...] toda instituição tem tendência de ‘fechamento’ – fechamento este [...] simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. [...]. Há instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes (GOFFMAN, 2001, p. 16).

O autor mostra a influência significativa que este tipo de segregação exerce sobre o indivíduo, afirmando que o comportamento, no exemplo dado por ele do doente mental, “diz respeito muito mais à sua condição de internado do que propriamente à sua doença” (2001, p. 168).

Seu Cadu, um dos sujeitos da pesquisa IATO, em seu relato, diz:

Em cativeiro ninguém é feliz e tranquilo; a gente só é feliz em liberdade, eu me sinto no cativeiro, isso aqui é uma cadeia sindicalizada (PERNIN, 2008, p. 36).

A condição de asilado afeta profundamente os idosos que, aos poucos ou rapidamente, se entregam ao marasmo de uma vida a “desviver”. É bom que seu Cadu reclame, pois esta reação mostra que está vivo e que ainda reage.

A pessoa velha tem a capacidade de dar, mudar e aprender, e o direito de receber; direito cidadão da autonomia que, exercida, resgatada ou conservada, exercerá influência positiva na imagem que de si mesmo faz – seu imaginário –, condicionando a autoestima facilitadora da felicidade na velhice que se desenvolve vitoriosa com o passar do tempo, inexorável para todos nós. Este imaginário precisa ser considerado nas reflexões, nas políticas públicas e nas reorganizações a se realizar ou nos novos tipos ou modalidades de atendimento e assistência aos idosos desvalidos e/ou não.

Falo asilo, e o entendo, como outros estudiosos (ALCÂNTARA, 2004), como o espaço, local destinado a receber idosos carentes do aconchego familiar e/ou social, por vários motivos. Falo asilo, ou ILPI, como organização estruturada, instituição que oferece abrigo, guarida a pessoas com mais idade que as demais – criaturas que transitam pela fase da velhice, seres humanos com mais de sessenta anos, como quer, arbitrariamente, limitar a Organização Mundial da Saúde (OMS) –, mantendo-os em ambiente fechado ou, na melhor das hipóteses, semiaberto, com

ou sem participação da sociedade, do governo, da família.

Se assim falo é porque me reporto à explicitação do termo *ilhado*, que vem de ilha e, como a imagem sugere, representa lugar separado; espaço cercado pela diferença que confina outra diferença. Asilados, *ilhados* são idosos isolados do convívio social mais amplo da vida diversa que os cerca. A intenção destes reclusos, por vezes bem intencionados, mas desumanos no seu cotidiano, é receber e oferecer cuidados àqueles que deles necessitam pela fragilidade do abandono familiar e social e/ou das energias vitais. No mais das vezes, essas instituições organizam-se como hospitais de categoria discutível, misturando idosos saudáveis com velhos doentes acamados e/ou não, que na promiscuidade indesejável vivem, levando alguns idosos a dizer que se trata de um “lar de doidinhos”, e outros a reclamar que “quem não é doido, está ficando”.

O idoso asilado é, na maioria das vezes, em nosso País, um ser que não possui; é um despossuído no amplo sentido da palavra. Ali está raramente por decisão própria, está no asilo não por sua vontade, mas por ser esta a habitação possível, o único lugar que o hospeda: o espaço que lhe sobrou!

Cortelletti, Casara e Herédia (2004, p. 78) referem-se aos asilos registrando que

[...] mesmo apresentando diferentes denominações, possuem, em comum, a função de propiciar o atendimento por meio de hospedagem permanente, assistência à saúde de forma direta ou indireta e algumas atividades de ocupação de lazer.

Conhecer um asilo – uma ILPI, a organização que recebe, abriga e “cuida”, institucionalmente do idoso – com suas idiossincrasias, autoimagem, autoestima, queixas e elogios à instituição e sua degenerescência física –, considero importante e necessário, não apenas para os encaminhamentos à construção da multiversa teoria gerontológica e ao entendimento da questionada necessidade de tais instituições, na forma como, atualmente, se apresentam, mas, fundamentalmente, para a promoção de melhor qualidade de vida dos velhos que chegam à situação de abandono familiar, exclusão social, tendo de recorrer ou ser recolhido em asilos /albergues/ILPIs.

O conhecimento mais detalhado e aprofundado da organização e gestão asilares leva ao: descobrimento de possíveis novas formas de ação; inéditas ações e tratamento, endereçados ao bem-estar e ao envelhecer tranquilo do idoso; conhecimento de vetores a apontar para a tarefa de minimizar as possíveis fragilidades físicas e psíquicas do asilado; oferecimento de pistas para uma reorganização do asilo, considerando as falhas provenientes de vícios, preconceitos e mitos cristalizados que enraízam as ações nos asilos, decorrentes, talvez, da ausência da requerida e especializada formação gerontológica na equipe asilar e da vontade política que assim estrutura e mantém as ILPIs.

Remetendo mais uma vez a Bachelard (1988, p.167), lembro que é preciso uma atenção recorrente para integrar o detalhe e, recito o devaneio de Victor Hugo, que escreve:

Em Freiberg, esqueci por muito tempo a imensa paisagem que tinha sob os olhos, para me fixar no quadrado de relva em que estava sentado [...] também ali havia um mundo.

O estudo aprofundado da realidade da velhice institucionalizada, do envelhecimento do cidadão do Distrito Federal, acontecendo na exclusão da sociedade, na segregação, considerando a alarmante e alardeada situação dos asilos – das ILPIs – no País, justifica a pesquisa IATO, em pauta.

É desse projeto interdisciplinar, IATO, que desenvolvo, em equipe, com colegas pesquisadores professores doutores com diferentes formações<sup>5</sup>, que “falo” agora.

Os apontamentos aqui expostos são extraídos da coleta e análise de dados míticos obtidos na pesquisa IATO. Apresento aqui um pouco desta aventura que é pesquisar um asilo, interagindo, no cotidiano deste, com seus habitantes; aventura sofrida e compartilhada, contando com a participação dos idosos asilados, no asilo em estudo.

---

<sup>5</sup> Compõem a equipe IATO os professores doutores: Altair Macedo Lahud Loureiro, antropóloga do imaginário e educadora; Maria Aparecida Penso, psicóloga; Lucy Gomes, médica; Vicente de Paula Faleiros, sociólogo e assistente social; os bolsistas CNPq: Anderson Carvalho, fisioterapeuta e mes-trando em Gerontologia; Adriana Bahia Ferreira e Tálita Vieira – graduandas em Psicologia. Alunos voluntários dos cursos de graduação em Psicologia e Medicina participam ativamente da pesquisa.

#### 4 O IDOSO INSTITUCIONALIZADO: SUJEITO DA PESQUISA

Os idosos sujeitos da pesquisa – que, selecionados entre os 120 internados no asilo considerado, após a realização do minimental<sup>6</sup> processado por componentes integrantes do projeto na equipe da saúde – foram aqueles que demonstraram condições cognitivas preservadas para participar das investigações e que dela aceitaram participar. Condições estas que permitiram a realização do teste AT-9<sup>7</sup> utilizado pela equipe de alunos voluntários e bolsistas do CNPq e por mim pessoalmente com a participação efetiva dos idosos selecionados. A condição cognitiva atestada condicionou também a realização das entrevistas psicológicas, geradoras de genogramas<sup>8</sup> sob a orientação da professora psicóloga, Dra. Maria Aparecida Penso.

Generosamente – mas com suas idiossincrasias, marcas lavradas pelo espaço habitado e mágoas trazidas e ou deixadas neles pela vida, bem ou mal vivida na maturidade e juventude, e sentidas na situação atual da institucionalização, do abandono –, os idosos asilados, sujeitos da pesquisa, concordaram

---

<sup>6</sup> Teste de avaliação cognitiva, projetado para uma avaliação clínica em pacientes geriátricos. Examina a orientação temporal e espacial, memória de curto prazo (imediate ou atenção) e evocação, cálculo, habilidades de linguagem e viose espacial, não podendo ser usado para diagnosticar demência (CHAVES, 2006-2008).

<sup>7</sup> Arquétipo Teste de Nove Elementos, criado por Yves Durand.

<sup>8</sup> Mapa que oferece uma imagem gráfica da estrutura familiar ao longo de várias gerações, esquematiza as grandes etapas do ciclo de vida familiar, além dos movimentos emocionais a ele associados (MIERMONT; 1987, p. 291).

explicitamente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conosco trabalhar.

Assim sendo, eles ofereceram os subsídios indispensáveis para que a investigação se realizasse: suas falas, vozes, por vezes trôpegas, inaudíveis e incompreensíveis, balbuciadas com cara fechada e, por vezes, com má vontade e interrupções, aos poucos, foram-se soltando de forma inteligível, abrindo-se, deixando ver os rascunhos amarelecidos das suas existências, permitindo a viagem ao passado que, há pouco, parece ter sido vivido, quando o colorido do reviver saudades, quase esquecidas, deixa eclodir um tênue vínculo afetivo conosco.

É preciso, como a qualquer pesquisador, paciência e tolerância. O vínculo imprescindível de confiança foi-se construindo aos poucos, mas rompido por vezes, necessitando o seu refazimento cuidadoso.

A arte da escuta precisa processar-se com a perspicácia de quem quer descobrir sem magoar, interferir sem opinar, julgar ou interromper. As conversas passam a ser longas quando a confiança construída se apresenta. É lindo ver o tecer destas amizades, desta confiança necessária ao bom andamento do trabalho nascendo, mas, mais que tudo, é emocionante ver o amor com que aqueles desvalidos da sorte generosamente se doam aos pesquisadores, através de suas falas. Como tarefa acadêmica é um deleite, mas como realidade vivida traz a sensação da impotência para solucionar o problema.

Uma réstia de luz é o que se espera abrir na escuridão da complexa situação, com este processo e com o resultado desta busca científica e amorosa.

Falar de asilo é, assim, emocionante, mas é preciso registrar que, de início, foi sofrida a convivência direta com os idosos asilados, mas acreditando, como Goffman (2001, p.8), que

[...] qualquer grupo de pessoas [...] desenvolve uma vida própria que se torna significativa, razoável, e normal, desde que você se aproxime dela, e que uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos.

Toda a equipe citada passou, alternadamente, a frequentar o asilo, a exercer a empatia no conviver com os asilados, e, assim, a observar, maffesoliana-mente, a “relva crescer” (MAFFESOLI, 1988); a ver o invisível obnubilado pelas cores fortes da simples, mas real presença dos idosos em suas camas, pele e osso, mau cheiro, cadeiras de rodas, andando, perambulando sem rumo pelo jardim do asilo; idosas vaidosas com enfeites despropositados, aboletadas em frente da TV; hipocondríacas; homens jogando cartas e dominós, reclamando, conflitando-se, lendo, sorrindo com a nossa presença, fumando; chorando mágoas e expressando queixas; dormindo sentados e acamados, enroscados, em posição fetal, em suas cobertas; gritos estranhos. Em muitos, a demência grassando, e para outros, infelizmente, a morte se apresentou durante a pesquisa.

Foram vistas, seguidamente, lágrimas deslizarem por canais de rugas, nas faces envelhecidas, e pre-

senciados sorrisos se esboçarem por entre a falta de dentes e os lábios descarnados e pálidos, ao rememorar tristezas e alegrias que teceram aquelas vidas. Entre eles, alguns idosos bem apessoados, cuidados e com a aparência boa. Alguns nos seguram na hora de deixá-los e voltar para a nossa bendita vida; outros demonstram a alegria de contar, de lembrar, mas alguns permanecem no mutismo e na inércia, esperando apenas pelas horas da comida e da dormida – como diz dona Jô, uma das idosas do asilo: “deixando o tempo passar” (PERNIN, 2008) –, olhos parados em um devaneio mudo e incógnito para nós, malgrado os esforços para a aproximação.

Como escreveu Bobbio (1998), que de início parece pessimista e cruel, “o que resta ao velho é lembrar!”. No asilo, esta afirmação – entendida antes como pessimista – desfaz-se, pois a inatividade naquela ILPI só deixa espaço, na realidade, para as lembranças. Devaneios e sonhos bons que os fazem sobreviver revivendo sua existência antes do asilamento.

Difícil vislumbrar alguma dignidade naquelas posturas suplicantes para que os tirem dali, como a dona Isa que, compulsiva e repetidamente, pede: “me leva...me leva daqui”. Mas a esperança se evidencia na recorrente ilusão de que seus filhos ou familiares virão logo buscá-los; que se não os visitam é porque estão muito ocupados em seus afazeres diários, mas que virão um dia.

Doce ilusão a que se apegam para se sentirem amados e não abandonados; esperança para não morrer.

Sempre a sagrada família que, para cada um deles, pode ter defeitos e pecados, mas que os outros, de fora

dela, não têm o direito de condenar, falar mal. Não se entendem como abandonados. Imaginam-se passando uma temporada ali, eles dizem: “este não é o meu lugar, eu vou embora, tenho alguém me esperando lá fora”; isto é comum de se ouvir e rezam para que logo se conclua a temporada, mas a ideia de morte se acentua, com um universo mítico místico negativo de passividade, nostalgia, exclusão, solidão e tristeza.

Alvissareira, mas ainda escassa, é a notícia que nos chega do asilo, com a realidade da saída real de um dos asilados da ILPI, buscado por um familiar. Triste é a notícia do desaparecimento, da morte, de outros sem que o almejado desejo se tenha cumprido.

É claro que não se pode deixar de apontar que a velhice não nos é dada; ela é construída e, assim, co-lhe-se, na velhice, o que se plantou em idades outras. Mas também não se pode esquecer que armadilhas são interpostas pela sociedade e pela cultura nas vidas de cada um. As histórias, contadas por cada um deles, revelam o paradoxal e a complexidade da situação. Esta complexidade apresenta-se na situação da institucionalização e o julgamento ou a condenação depositada na família nem sempre se sustenta. Apontar culpas, culpados e vítimas não resolve a situação.

Como muito bem destacam Cortelletti, Casara e Herédia (ALCÂNTARA, 2004, p. 81),

é preciso reconhecer, entretanto, que identificar os motivos do asilamento através de histórias de vida é limitante no sentido de que a identificação foi feita ouvindo somente um lado, o do idoso asilado, não se ouvindo a família.

São limitantes. Este é o foco de novo projeto de pesquisa acerca da situação da institucionalização do idoso: o imaginário do familiar que coloca o seu idoso em um asilo. Acredito que novas visões surgirão para complementar o entendimento desta realidade atual e que se prevê com maiores dificuldades daqui para frente, o que não exclui nenhum de nós desta possibilidade imaginada, na juventude e maturidade, apenas para o outro.

É preciso repensar e agir no sentido de refazer esta instituição, uma vez que ela ainda é uma solução para certos casos, mas humanizá-la é urgente assim como urgente é rever as suas características de instituições totais, apesar da limitada liberdade por vezes concedida dentro dela. A inatividade do idoso asilado necessita ser alterada com atividades físicas e mentais bem postas na fundamentação de cada uma.

## **5 A EXCLUSÃO EVIDENTE: UM MUNDO À PARTE!**

O ser humano institucionalizado desumanamente está no limbo, segregado do convívio social, afastado dos seus amores e afazeres; de seus pertences, casa e cantos encharcados de afeto.

Os objetos e a escolha de lugares na casa simbolizam uma construção impregnada de valores e da sensação de pertença (ALCÂNTARA, 2004, p. 47).

A dor da ruptura leva a uma fragilidade que culmina na depressão e contribui para a morte (PEREIRA apud ALCÂNTARA, 2004, p. 42).

A mudança física pode representar angústia, medo, insegurança e sensação de perda, principalmente quando esta mobilidade, que não é só de lugar, mas também do ser, é contrária ao desejo do próprio indivíduo. “Quando um grupo se transporta para um novo espaço, é como se tivesse deixado para trás a personalidade” (LUCENA apud ALCÂNTARA, 2004, p. 47).

O contrário desejado seria a topofilia aludida por Bachelard (1988, p. 19):

[...] as imagens do espaço feliz [...] o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados; [...] espaços louvados. [...] antes de tudo o homem é colocado no berço da casa [...] depositário das lembranças [...] e é pelo espaço e no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências.

As lembranças da casa, o institucionalizado não encontra no asilo, onde seus cantos desapareceram, seus cheiros se esfumaram, e seus amores ali não estão! É preciso criar novos vínculos afetivos com o novo espaço e de pertença no asilo para que a desestruturação do imaginário não ocorra. Em alguns raros casos, isso tem ocorrido no asilo em estudo, mas é preciso cuidadoso e competente trabalho no grupo, com o aval e apoio de profissionais especializados na questão, psicólogos e gerontólogos, para possibilitar esta interação saudável entre os idosos.

## **6 QUEIXAS RECORRENTES E ELOGIOS ESPARSOS: INATIVIDADE, FALTA DA FAMÍLIA, LIBERDADE RESTRITA OU INEXISTENTE NO ASILO, ALIMENTAÇÃO E GESTÃO DA ILPI**

Estes asilados foram trabalhadores que já não trabalham mais, pelo que reclamam quase que na totalidade dos seus pronunciamentos. É recorrente nas falas dos sujeitos desta pesquisa a questão da inatividade, o que condiz com os achados de, Cortelletti, Casara e Herédia a esse respeito. As autoras (ALCÂNTARA, 2004, p. 76-77) informam que “o valor do trabalho aparece como uma constante, ocupando uma posição central na vida desses idosos institucionalizados”. Constitui-se a própria finalidade de suas vidas, condição de existência e de seu desenvolvimento pessoal.

Essa afirmação é corroborada no momento em que relatam que a maior parte do tempo e os melhores anos de suas vidas foram dedicados ao trabalho.

Um dos sujeitos da pesquisa eticamente cognominado Cadu (FERREIRA, 2008) desenha em seu protocolo do teste AT-9 apenas um carro, e nesta imagem sintetiza todos os elementos e, na verdade, toda a sua história e imaginário. Conta, no discurso do teste AT-9: – Eu tive um carro de Praça [...]. Passeava com a mulher, com a família [...] É um refúgio [...], pois até dormir dentro dele eu posso.

No quadro final do protocolo do teste, ele apenas nomeia a representação, imagem “carro”, atribuindo-lhe a função de “ferramenta de trabalho/conforto”, que simboliza para seu Cadu, “melhorar, não estar de mãos atadas, servir”. Ele sonha com seu trabalho

do passado e repete: – Não gosto de ficar sem fazer nada. E se queixa de não mais “servir”, trabalhar, ser útil. Passa o tempo, como ele diz: – Ajudando minha amiga nas costuras dela, descosturo para ela costurar. Ela faz colcha de retalhos.

Goffman (2001), referindo-se às consequências da institucionalização, chama de “morte civil”, ou seja, está vivo, mas perdeu seu direito à cidadania. Essa perda, que não é apenas civil, enfraquece o sujeito e o faz perceber que foi excluído dos laços que o vinculam à família, ao trabalho, aos amigos, à cultura, e por meio dos quais estabelecia sua relação de estar no mundo, com o mundo e pelo mundo.

A falta de liberdade e de opção para estar no asilo explicita-se nas falas dos sujeitos institucionalizados da pesquisa. Cadu fala do asilo como uma prisão: – Toda vez que quero sair tenho que pedir permissão [...]. Ele diz: – Se eu soubesse que aqui era asilo nem aqui eu pisava, eu não sabia o que era. [...] Eu não conhecia essa coisa Lar dos Velhinhos, só tinha ouvido falar.

Seu Cadu é um sexagenário lúcido, com um imaginário desvendado, pelo AT-9, como estruturado disseminatório, o que significa que ele inteligentemente transita pelo heroísmo – que ele reage quando precisa –, e pela antífrasia, pois se acomoda com dona Mimi, quieto em um canto escolhido no asilo, o já mencionado bachelardiano “cantinho de sonhar”, o que demonstra que, neste trânsito, as imagens com que representa a situação de asilado se juntam diacronicamente nos dois nós aglutinadores de imagens, e que seu imaginário se situa no durandiano regime noturno de imagens. Seu Cadu refere-se ao asilo como “lar dos doidinhos”.

A internação do seu Cadu é um caso de admissão de um idoso no asilo sem que ele esteja motivado, sem estar ciente de onde vai residir, o que é considerado armadilha para o idoso. No seu caso, ele conta que deu um apartamento para negócio com um filho e foi tudo perdido. Do que sobrou, o filho lhe deu uma parte para viver no asilo, segundo ele.

Dona Tatá, também sujeito da pesquisa, com um imaginário desestruturado, reclama do asilo e da inatividade. Ela diz: – Não gosto daqui; não entrei porque eu quis; tô doida para sair daqui.

Este é mais um caso de internação traiçoeira. Conta que trabalhava com uma mulher e que morava na casa dela. Ela continua dizendo:

– Aqui não faço nada [...]. Lá fora fazia tudo e ainda cuidava de criança. Não fazer nada é muito triste, o tempo não passa.

A desestrutura do seu imaginário emergiu como tendência forte no protocolo do teste AT-9 e na história de vida oferecida por dona Tatá, o que já se faz sentir na inquietação desta senhora, no asilo.

Nos relatos exemplificadores, encontram-se idosos que foram lutadores/heróicos, mas que já não lutam mais. A passividade e a inércia tomam conta daquelas vidas “desvivas” no asilo.

Como escreve Goffman (2001, p. 21),

[...] às vezes, é exigido tão pouco trabalho que os internados, frequentemente pouco instruídos para atividades de lazer, sofrem extraordinário aborrecimento.

A queixa da inatividade e da falta de liberdade é recorrente entre os asilados, assim como a reclamação da comida, que dizem farta, mas não ao gosto deles. Eles não entendem, como qualquer idoso, a necessidade da dieta alimentar nas idades em que estão. O asilo mantém uma nutricionista.

Não se pode esquecer a heterogeneidade da velhice, que no asilo também se evidencia. Enquanto seu Zezé se queixa e reclama, seu Mazinho, de boa paz, diz que é bom estar no asilo e que o canto de que mais gosta no asilo é o seu quarto, ao qual ele se refere como “meu quarto”, dona Jô, uma das idosas que se dispôs a contar sua vida, também diz:

– Gosto muito de ficar sozinha, quietinha, no meu quarto ou somente sentada na minha cadeira, deixando o tempo passar.

Isto lembra Bachelard (1988, p.145), quando escreve que:

[...] todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.

Seu Mazinho conta que até fome passou na casa de uma cunhada que providenciou cuidadora para ele, mas que não cumpriu, a contento, sua função. Ele diz sem reagir ao que foi preestabelecido para ele cumprir: – Gosto de tudo. Não faço nada aqui.

Ele aprecia a inatividade, o aconchego que nos re-

mete à presença da antifrasia, conforme a teoria do imaginário de Gilbert Durand. Seu Mazinho elegeu um amigo no asilo e, com esta construção de laços de amizade naquele ambiente novo, ele evita, em parte, a desestruturação de seu imaginário. Ele desenha no protocolo do teste duas pessoas lutando de brincadeira. O lúdico e o descontraído apresentam-se no laivo de heroísmo emergido no protocolo do teste. Desenha um monstro zoomórfico, o que nos leva a perceber o medo da morte representada no humano, mas não considera a morte para si, pois ele está dentro, protegido na cabana: “estou dentro da cabana”, ele registra no teste. A “impureza heroica” se expressa em um microuniverso mítico místico, tendente à desestrutura, uma pseudodesestrutura, pois a história imaginada por ele no teste não apresenta a coerência mítica esperada.

## 7 ENCAMINHAMENTOS À CONCLUSÃO

É natural que os idosos

[...] cheguem à instituição com uma ‘cultura aparente’ [...] derivada de um ‘mundo da família’ – uma forma de vida e um conjunto de atividades aceitas sem discussão até o momento de admissão na instituição (GOFFMAN, 2001, p. 23, grifo do autor).

Esta família é portadora de mitos; cada um destes idosos traz consigo seus mitos particulares. Há um confronto entre os mitos trazidos de cada família. É

difícil a convivência entre eles.

O silêncio e o isolamento na solidão de cada um expressam-se nas fisionomias paradas, nos olhares sem foco. “A dor da ruptura leva a uma fragilidade que culmina na depressão, e contribui para a morte” (LUCENA apud ALCÂNTARA, 2004, p. 42).

Os achados míticos, obtidos com a utilização do Arquétipo Teste de Nove Elementos, o AT-9, de Yves Durand (1988), indicam a relação das estruturas do imaginário emergidas nos microuniversos míticos registrados nos protocolos do teste condizentes com atitudes de “conformismo” e “desgosto”, com a presença de incoerência mítica apontando para a “destrutura do imaginário”. Estes achados estão de acordo com as improcedentes repetições no discurso daqueles que, no início da pesquisa, demonstraram condições cognitivas de pertencimento.

Como bem diz Goffman (2001, p. 8),

[...] passamos a conhecer o mundo deles quando nos submetemos às suas companhias, nem sempre agradáveis, mas que aos poucos vão deixando ver seus mistérios. Minha pretensão [diz o autor] é tentar conhecer o mundo social do internado [...], na medida em que esse mundo é subjetivamente vivido por ele [...] sem empregar os tipos usuais de medidas e controles.

Da mesma forma, procedo uma análise qualitativa dos dados, neste caso míticos, obtidos com a escuta sensível, histórias de vida, depoimentos e com o uso do Arquétipo Teste de Nove Elementos, o AT-9, de Yves Durand (1988), na busca do pretendido.

Tocar o “trajeto antropológico”, quer dizer, a simbiose de pulsões interiores e subjetivas e de pressões, exigências exteriores (DURAND, 1989), com o ouvido e a sensibilidade de envolvido com a teoria do Imaginário, foi a pretensão. A entrevista não se valeu de um roteiro ou questionário fechado, mas realizou considerações de possíveis situações que merecem ser explicitadas e consideradas na pesquisa, sendo assim investigadas em profundidade, lembrando que o espaço está aberto para a riqueza trazida nos imprevistos e nas surpresas presentes nas atitudes e falas do grupo. É preciso se deixar surpreender.

A natureza filantrópica do asilo em estudo, assim como tantos outros, poderá ainda continuar, pois se sabe que a maioria deste grande contingente de velhos, na atualidade, e que aumentará consideravelmente conforme as previsões demográficas, é um contingente de desvalidos, pobres e abandonados. Deseja-se que o Estado se envolva mais efetivamente com esta situação.

Não se pode, no entanto, esquecer que uma outra parte não tão grande de idosos mais favorecidos financeiramente também precisa dos cuidados e assistência em suas fragilidades naturais, se não financeiras, físicas e emocionais. Verdadeiros *spas* de luxo já existem a contemplar esta parcela da sociedade, mas a outra fatia deste indigesto bolo necessita, talvez, de outro tipo de organização, a eles dedicada, mas que com eles deve ser pensada e desenvolvida.

Daí se querer conhecer o imaginário, as imagens representacionais da situação a partir dos próprios sujeitos nela envolvidos, os asilados; dar voz e vez a

eles, como já se disse no título de um livro (FALEIROS; LOUREIRO, 2006). Saber como sonham o asilamento quando a família não pode mais suportá-los; descobrir do que eles mais reclamam e o que mais elogiam no asilo, sem esquecer a presença efetiva do Estado na situação.

Com a metafórica arquitetura da situação asilar, procurou-se desconstruir, para passar a ser entendida e refeita na visão assumida e desejada com a participação dos idosos e de todos os envolvidos na organização e gestão daquele labirinto cotidiano; cotidiano caleidoscópico, com movimento desorganizador, que possibilita a reorganização, a moriniana “ordem, desordem e reorganização” com os desaparecimentos deles, que acontecem, amiúde, com a morte. Morte que se expressa com força no imaginário do seu Zezé (SILVA, 2008), um dos sujeitos da pesquisa.

Seu Zezé fecha-se em seu mundo e, no pouco que registrou no protocolo do teste, deixa ver a negatividade. Reclama do pai que não o deixou estudar, alfabetizar-se, porque dele precisava na roça. Desenha um círculo fechado, “a bola da terra [...] que gira e fecha o espaço” e coloca dentro dele apenas letras, para demonstrar que não é, segundo ele, de todo analfabeto. Seu Zezé, idoso de pouca conversa e amizade, projeta-se em um “touro, medonho, de briga e valentia, porque ele uiva, bate com a orelha e é valente que só o cão”.

A ideia de morte, como negação, aparece nesta estrutura parecendo heroica negativa se não fosse a teimosa desestrutura a permear o discurso desde a identificação do sujeito, autor do protocolo do teste, com um animal. A representação do persona-

gem com uma imagem zoomórfica, segundo Durand (1989), remete à insuficiência de coerência mítica no microuniverso mítico, quer dizer, um imaginário desestruturado.

Em outro grupo do asilo onde a pesquisa também incide, um grupo de auxiliares de enfermagem, Lima, em pesquisa que realizou em 2008, registra:

[...] a morte para os enfermeiros do asilo tornou-se banal resultando em um, talvez aparente, mecanismo de defesa, realidade banal.

A pesquisadora citada recolhe na fala dos sujeitos auxiliares de enfermagem que: – A reação diante da morte é normal, a gente tem que aprender a diferenciar o emocional do profissional [...]. Morte que para os demais asilados só representa curiosidade para saber quem foi o asilado que morreu: – Quando um idoso morre, eles vão lá e olham... e falam: Ah! É o fulano que se foi!

Ainda com relação à presença real da morte e no imaginário do grupo, chama atenção a localização do necrotério, do prédio com a “pedra”, onde são colocados os falecidos a serem velados. Este pavilhão fica em um espaço transversal a um dos três blocos do asilo, o bloco onde estão os doentes, acamados e em fase terminal da vida. Esta localização contribui para que estes idosos fiquem amedrontados. Para eles, o corredor do bloco dos doentes é o inevitável corredor que leva ao final. Eles pensam ou constataam que quem entra naquele bloco dificilmente volta para os seus aposentos nos outros dois blocos, sai

direto para a “pedra”. Isto representa o “monstro”, no seu imaginário.

A praticidade por vezes esmaga a sensibilidade. A sorte é que o espaço pode, bachelardianamente, ser resignificado e, conforme relata uma das funcionárias, os idosos às vezes utilizam a “pedra” como espaço para namoro noturno furtivo.

## **8 ANOTAÇÕES**

Até o momento, integradas ao projeto IATO, em desenvolvimento, já são duas dissertações em andamento que oriento – uma que levanta o imaginário dos cuidadores e outra que se propõe a descobrir as representações da morte do asilado no imaginário dos enfermeiros do asilo; outra dissertação, orientada e já defendida, colheu histórias de vida dos asilados, e quatro monografias foram apresentadas como trabalho de conclusão de curso de psicologia – TCC/UCB –, sobre o asilo, o asilado, sua família e a ideia de morte, desenvolvidas no aproveitamento acadêmico do processo de convivência, no asilo, com os idosos, fundamentadas todas na teoria do imaginário, de Gilbert Durand, valendo-se de heurísticas culturais, notadamente do AT-9, de Yves Durand.

Relatórios minuciosos resultaram das visitas realizadas neste espaço de tempo, com mestrandos de gerontologia matriculados na disciplina “Inserção sociocultural do idoso”, na UCB. Todos os relatos colhidos são unânimes em expressar o choque na presença daquela situação excludente; exclusão resultante

do dito e decantado desenvolvimento que alija o homem da própria vida, quando sua produtividade se esgota no que se refere àquilo que a sociedade espera e exige. Exclusão resultante da realidade das famílias modificadas sem espaço para o velho avô, doente ou não; são mulheres trabalhando tanto ou mais que os homens, que até pouco tempo eram os provedores do sustento da casa; mulheres que até pouco tempo eram as cuidadoras naturais dos familiares doentes e velhos, mas que agora correm e se deixam atropelar pelo desenvolvimento, sem poder, às vezes com mágoa profunda, dedicar-se aos mais velhos da família, e sem outra solução, surge a ideia – não dialogada ou aceita com o mais envolvido, o idoso –, do asilamento. Situação esdrúxula que gera sofrimento para ambas as partes, quando o afeto existe neste contexto, ou alívio, quando apenas se quer desfazer-se de quem agora atrapalha, e sofrimento para o idoso que se sente abandonado.

A respeito dessa situação, Ferreira (2008) informa que encontrou um casal, formado no asilo, que por afinidade se une diariamente sob um caramanchão no pátio da Instituição. Em uma rotina diária, ela, dona Mimi, encarrega-se de devotadamente amenizar as feridas expostas nas pernas do cadeirante Cadu. Ele, ainda com a ideia, de sua geração, de que o homem é o provedor da família, incumbe-se de auxiliar dona Mimi nos recortes dos retalhos com que ela se distrai. Ele diz, com todas as letras, que ela precisa dos seus cuidados e do auxílio dele, que o caso dela é pior que o dele.

Laivos positivos de vida surgem no cenário deso-

lador do asilo, quando este “casal” ressignifica o espaço asilar inóspito em aconchego e arremedo familiar, doando-se um ao outro em um aparente amor incondicional. A “topofilia” (BACHELARD, 1988), lugar feliz, acontece sob aquele caramanchão florido do asilo, naquele local escolhido e dito por eles como o lugar do amor; a “transcendência do espaço geométrico” e dos “significados de vivência [...] além da percepção consciente do próprio sujeito”, que ali se encontra. Seu Cadu brinca com os visitantes dizendo: – “Quem sentar em um destes bancos” junto à mesa deles, “casará”, pois ali é o “lugar do amor”.

O casal afirma não ser namorado, mas viver um “amor-de-caridade”, como assim se refere Finkler (apud FERREIRA, 2008), o que faz com que eles sintam o espaço asilar transformado em lar, na rotina doméstica de um casal, como se fora do asilo estivessem. Eles elegeram seu bachelardiano cantinho de sonhar, “retiro da alma”. Naquele canto, eleito por eles, negam a existência de um universo maior, como se refere Bachelard (1988, p. 146): “O canto é, assim, uma negação do Universo”. Eles construíram um vínculo afetivo; reconstruíram a ideia de família, o que os protege da desestrutura do imaginário. São heroicos ao lutar contra a perda dos laços familiares, reconstruindo-os, mas apresentam a antífrasia ao se deixarem ficar e assim a síntese disseminatória, em um regime noturno de imagens, emerge tanto de seus protocolos do teste como em suas ações, gestos e falas. Relembro aqui que o imaginário subjaz às ações e posturas.

Assim, ladeada pelos componentes da equipe da

pesquisa, foi possível desvendar o universo mítico do grupo naquela ILPI, por meio da análise durandiana dos microuniversos míticos dos seus componentes, registrados nos protocolos AT-9, em histórias de vida, depoimentos, entrevistas psicológicas, questionários – aplicados pela equipe de sociologia – e pela observação acurada que procura ver além das aparências.

Com os dados míticos encontrados, entendidos durandianamente, espera-se contribuir para uma efetiva e desejada reforma, não só na ideia de asilo ou ILPI, mas concretamente na modificação antropolítica, o que quer dizer que o idoso, dentro das suas limitações e possibilidades, terá lugar na “mesa de negociações” da organização e gestão participativa cotidiana do asilo; que suas pulsões interiores e únicas, seus desejos serão ouvidos e considerados, assim como os dos demais membros daquela Instituição, para fortalecer ou condicionar a qualidade de suas vidas na situação de institucionalizados. Eles se expressaram na pesquisa. Agora é considerar estas expressões. Como assume Tanus (2002), a melhor maneira de conhecer os sujeitos é através de suas próprias vozes.

Quanto ao tabagismo presente no asilo, a equipe da saúde, valendo-se do uso do espirômetro e do monoxímetro na tarefa avaliativa da capacidade respiratória dos fumantes, detectou o grau de comprometimento dos pulmões pelo uso do tabaco. Medicamentos inibidores do vício/hábito do cigarro estão sendo oferecidos aos asilados fumantes desejosos de interromper tal prática nociva à sua saúde. Nem todos aceitaram se submeter ao tratamento, pois alegam que fumam por não ter o que fazer e o vício do cigarro é o

único prazer que lhes sobrou. Infere-se assim que o cigarro no asilo não é o maior problema: ele pode ser uma consequência da inatividade e falta de liberdade, coisas que o asilo precisa rever, e a falta da família, o que aponta para a ação do Estado viabilizando programas e projetos que deem àquelas famílias que, ainda humanamente, gostariam de ter seus idosos consigo, sem a necessidade de institucionalizá-los.

## **9 SITUAÇÃO ATUAL DA PESQUISA**

Atualmente, os integrantes da equipe IATO preocupam-se com a elaboração dos relatórios daquilo que efetivaram, de acordo com o projetado, enquanto eu preparo o terreno do relatório final geral da pesquisa, para que tais sementes, as informações disponibilizadas pelo grupo, germinem e sejam consideradas para a melhoria da qualidade de vida daqueles idosos, e estendidas, naquilo que couber, às demais instituições de longa permanência para idosos, de Brasília, Distrito Federal, e do País.

**REFERÊNCIAS**

ALCÂNTARA, A. de O. **Velhos institucionalizados e família**: entre abafos e desabafos. Campinas: Alínea, 2004. (Col. Velhice e Sociedade).

ANDRADE, F. de J. **Uma experiência de solidariedade entre gerações**: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional – IE, 2002.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOBBIO, N. **Diário de um século**. Autobiografia. Tradução Daniela Beccaccia Versiani Rio de Janeiro: [s.n.], 1998.

CARDOSO, V. R.; LOUREIRO, A. M. L. **Flor do outono**. Goiânia: Descubra, 2008. No prelo.

CARVALHO, J. C. de P.. **Antropologia das organizações e educação**. Um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CORTELLETTI, I.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. **Idosos asilados**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: EDUCS: EDIPUCAS, 2004.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURAND, Y. **L'exploration de l'imaginaire**: introduction a la modelisation des univers mythiques. Paris: L'espace Bleu, 1988.

FALEIROS, V. P.; LOUREIRO, A. M. **Desafios do envelhecimento**: vez, sentido e voz. Brasília, DF:Universa, 2006.

FALEIROS, V. P.; LOUREIRO, A. M. L.; PENSO, M. A. **O conluio do silêncio**: maus tratos intrafamiliares contra o idoso. São Paulo: Roca, 2008. No prelo.

FERREIRA, AB. **A família no imaginário de um casal asilado**: solidariedade, amor e um novo vínculo afetivo. Trabalho de conclusão de graduação (Graduação em Psicologia)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. 7. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GRISON, E. **O imaginário de funcionários cuidadores de uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) do Distrito Federal e a organização do asilo**. Dissertação (Projeto para o mestrado em Educação)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

LIMA, G. D. **A morte no imaginário dos enfermeiros de uma Instituição de Longa Permanência para idosos – ILPI - do Distrito Federal.** Dissertação (Projeto para o mestrado em Educação)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

LOUREIRO, A. M. L. **A velhice o tempo e a morte:** subsídios para a continuidade do estudo. Brasília, DF: EdUnB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imaginário, idosos asilados tabagistas e organização de asilos:** organizacionalidade antropolítica. Brasília, DF: CNPq, 2007-2009. Projeto de pesquisa – CNPq/UCB.

\_\_\_\_\_. Moléculas de mundo. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 13., 2004. **Anais...** Recife: [s.n., 200-]. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. O trajeto antropológico e o homem velho conectado com a natureza. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 14., 2006. **Anais...** Recife: [s.n., 200-]. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. (org). **O velho e o aprendiz:** o imaginário em experiências com o AT-9. São Paulo: Zouk, 2004.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum:** compêndio da Sociologia Compreensiva. Tradução Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

PERNIN, E. **Subjacências do imaginário nas histórias de vida de um grupo de idosos institucionalizados**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

SILVA, M. É. C. **O asilo e a morte no imaginário de um idoso institucionalizado**. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

SILVA, M. C. B. **O imaginário subjacente à criação, organização, desenvolvimento – retrospectiva de continuidade da UnATI/UCB**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOARES, G. S. **O imaginário de um idoso asilado**. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia)– Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2008.

TANUS, M. I. J. **Mundividências**. História de vida de migrantes professores. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002.

Recebido em outubro de 2011.  
aprovado em novembro de 2011.